

Gonçalo M. Tavares

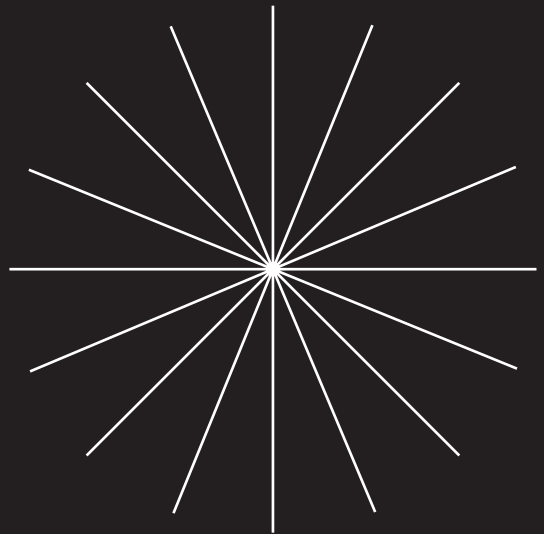
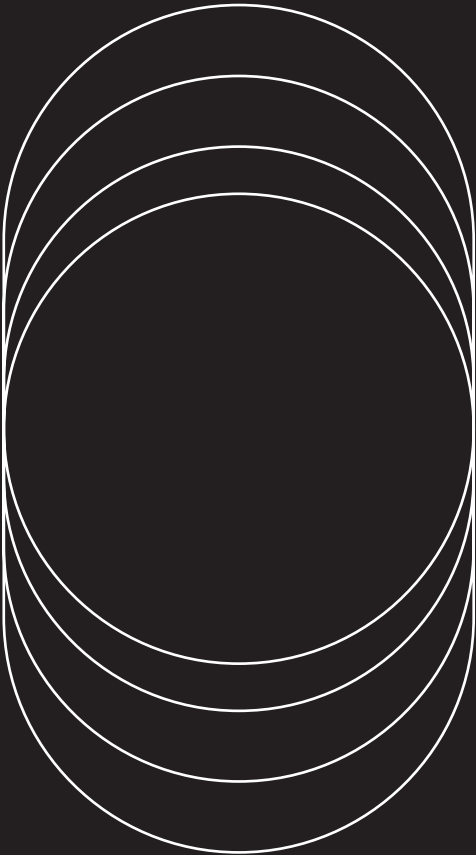
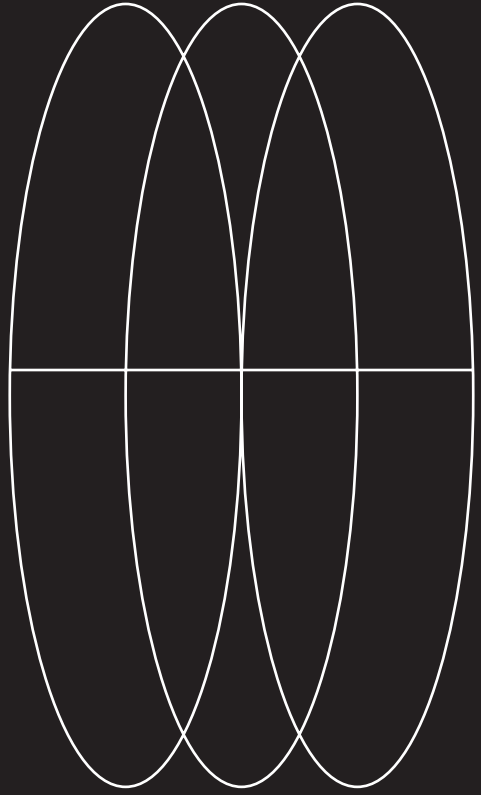
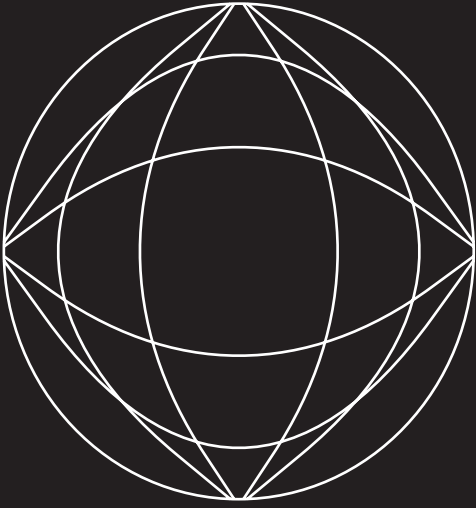
# Atlas

DO CORPO E DA  
IMAGINAÇÃO

teoria, fragmentos e imagens

IMAGENS Os Especialistas





Gonçalo M. Tavares

# Atlas

DO CORPO E DA  
IMAGINAÇÃO

teoria, fragmentos e imagens



Porto Alegre · São Paulo  
2021

IMAGENS Os Espacialistas

**ao querido Bernardo Sasseti**

# Sumário

## I. O corpo no método 21

---

<b>1.1</b>	<b>Espanto e fragmento</b>	<b>21</b>
	A INTERROGAÇÃO, O QUESTIONAR	21
	HESITAÇÃO E INVESTIGAÇÃO	22
	SEM-RESPOSTA	23
	GAVETAS, CONCEITOS	24
	GEOMETRIA, PENSAMENTO	26
	CONTESTAÇÃO DE TERRITÓRIOS	28
	IMAGINAÇÃO/RACIOCÍNIO	29
	CONVENÇÕES E ACASO	29
	ACASO COMO REFERÊNCIA	31
	ABANDONAR A CRONOLOGIA	32
	CONCEITOS COMO MATÉRIA	33
	INVESTIGAR A PARTIR DE PONTOS CONHECIDOS	33
	EMITIR LUCIDEZ	34
	EXCITAÇÃO BIOLÓGICA	35
	CRUZAMENTOS E BIOGRAFIAS	36
	DISTRIBUIDOR DE COMEÇOS	36
	O ERRO	37
	CONTRA A PRUDÊNCIA	38
<b>1.2</b>	<b>Linguagem e beleza</b>	<b>41</b>
	LINGUAGEM E IDEIAS	41
	CASA-PALAVRA	41
	BELEZA E ARGUMENTO	43
	BELEZA E FEALDADE	45
	POESIA E FILOSOFIA	47

<b>1.3</b>	<b>Ideias e caminho</b>	<b>49</b>
	CAUSA-EFEITO (SEPARAÇÃO)	49
	CRITÉRIO DA AUTORIDADE	50
	EXACTIDÃO	51
	EXACTIDÃO-SEPARAÇÃO	52
	RACIONALIDADE E HIERARQUIA	54
	MÉTODO E CAMINHO	55
	LIBERALISMO NAS IDEIAS	56
	NÃO HÁ LIGAÇÕES FIXAS	57
	O MUNDO	59
	ININTERRUPÇÃO	60
	EXPLICAÇÕES COMO ANALOGIAS	61
	A CONTESTAÇÃO DE UMA VERDADE ÚNICA	63

## **II. O corpo no mundo** **65**

---

<b>2.1</b>	<b>Os Outros</b>	<b>67</b>
	<b>LEGISLAÇÃO</b>	<b>67</b>
	LEGISLAÇÃO E ARTESANATO	67
	O NEGATIVO DAS LEIS (PROJECTO LATERAL)	69
	LEIS E SANGUE	69
	PRISÕES (DIÁLOGO ENTRE FOUCAULT E DELEUZE)	71
	VIOLÊNCIA CIVILIZADA	72
	FORÇA E PODER (UMA PROPOSTA DE ARENDT)	74
	NÃO, NÃO E NÃO	75
	REPARA: NÃO É ILEGAL VOARES	76
	LEI DA GRAVIDADE	77
	MENTIRA COLECTIVA E LINGUAGEM	78
	MORAL E MÚSCULOS	79
	PEQUENO E GRANDE MAL – UMA QUESTÃO	80
	RELAÇÃO PEQUENO MAL-GRANDE MAL	82
	<b>NORMALIZAÇÃO</b>	<b>84</b>
	NORMALIZAÇÃO DA MEDICINA, DA GUERRA, DO ENSINO	84
	NORMALIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	86
	NORMALIZAÇÃO (METODOLOGIAS COLECTIVAS)	88
	<b>GUERRA E TÉCNICA</b>	<b>90</b>
	GUERRA (O CORPO PERDIDO NO MUNDO)	90
	PROPRIEDADE	91
	BEM INALIENÁVEL	92
	CORPO-PÁTRIA	93
	GUERRA E IMPOSSIBILIDADE DE LINGUAGEM	94
	ELOGIO E CRÍTICA DA TÉCNICA	95
	ELOGIO DA TÉCNICA – E A NATUREZA	96

	TÉCNICA E NATUREZA	97
	CARACTERÍSTICAS DAS MATÉRIAS	98
	TÉCNICA E SENTIMENTO	99
	TÉCNICA E PENSAMENTO	100
	MONOTONIA E TÉCNICA	101
<b>2.2</b>	<b>As Circunstâncias</b>	<b>103</b>
	<b>MOVIMENTO E PROGRESSO</b>	<b>103</b>
	VELOCIDADE, HISTÓRIA E NATUREZA	103
	- A TESE DE SLOTERDIJK	
	MOVIMENTO PERIGOSO	105
	A CINÉTICA FILOSÓFICA DE SLOTERDIJK	106
	E CONSEQUÊNCIAS MORAIS	
	PÉS E PENSAMENTO	107
	ACTOS E ÉTICA	109
	PROGRESSO E MOVIMENTO	110
	LIBERDADE E DESORDEM	110
	DA IMPOSSÍVEL IMOBILIDADE	112
	PROGRESSO E VIDA	113
	<b>MOVIMENTO E VERDADE</b>	<b>115</b>
	VELOCIDADE DA REALIDADE, E LENTIDÃO	115
	LENTIDÃO, VERDADE	116
	<b>MOVIMENTO E CIDADE</b>	<b>118</b>
	CIDADE, MOVIMENTO E IMOBILIDADE	118
	CONSTRUIR SITUAÇÕES	119
	DESTRUIR SITUAÇÕES	120
<b>2.3</b>	<b>As Ligações</b>	<b>123</b>
	<b>LIGAÇÃO E DESLIGAÇÃO</b>	<b>123</b>
	PRÓTESES PSICOLÓGICAS	123
	SOLIDÃO E LIBERDADE	125
	LIGAÇÕES E ESTADO	126
	BARATA E BÚFALO	127
	UMA HISTÓRIA	128
	DESLIGAÇÃO E SENSAÇÕES	129
	LIGAÇÕES PETRIFICADAS	131
	E O <i>HOMEM SEM QUALIDADES</i>	
	RECUSA DE LIGAÇÕES E IMAGINAÇÃO	133
	<b>LIGAÇÃO E AMOR</b>	<b>134</b>
	AMOR	135
	AMOR E ÉTICA	136
	AMOR E IDENTIDADE	137
	LADRÃO DA DOR	138
	REPARAR (N)O AMANTE	138

EXCLUSIVIDADES	139
PELE E INTERPRETAÇÃO	140
SEGREDO, SENTIMENTO E TEORIA	142
DISTÂNCIAS	143
LINGUAGEM CUTÂNEA, PELE LINGUÍSTICA	144
SISTEMAS DE CONTROLO	145
VOZ	146
LINGUAGEM E TÉCNICA	147
<b>LIGAÇÃO E DESEJO</b>	<b>149</b>
DESEJO	149
PRAZER-DESEJO	150
AFECTOS/LIGAÇÕES	152
AFECTOS-MOVIMENTOS	152
NÃO O QUE TEMOS, MAS O QUE DESEJAMOS	153
O HOMEM, PORTADOR DOS MELHORES DESEJOS	155
<b>2.4 O Discurso e a Acção</b>	<b>157</b>
<b>CIDADE, MOVIMENTO E FRASES</b>	<b>157</b>
ACÇÃO, PENSAMENTO E DISCURSO (A PARTIR DE ARENDT)	157
COISAS E ACÇÕES – DESAPARECIMENTO	159
ALIMENTOS E ARTE	160
LABOR E TRABALHO	161
TEMPO DE VIDA E CIDADE	162
ACÇÃO DE MÁQUINA E DE HOMEM	164
ORGANIZAÇÃO DA ACÇÃO	164
DIZER MOVIMENTOS	166
CONTAR HISTÓRIAS E URGÊNCIAS	166
DISCURSO, ACÇÃO, MULTIDÃO E INDIVIDUALIDADE	167
CIDADE, INDÍVIDUO E ENTENDIMENTO	168
LINGUAGEM, POESIA E CRIME	169
LINGUAGEM E EXPERIÊNCIA	170
LINGUAGEM COMO EXPERIÊNCIA FÍSICA	171
PERIGO E LINGUAGEM	172
A DISTÂNCIA (VER, FALAR)	174
CRÍTICA À LINGUAGEM COMUM	175

### III. O corpo no corpo

177

<b>3.1 Corpo e Identidade</b>	<b>179</b>
<b>A MULHER INCORPÓREA DE SACKS</b>	<b>179</b>
A HISTÓRIA DE CRISTINA	179
CAIR DA CAMA	182
INTENSIDADE	183



<b>A COSTELETA DE BARTHES</b>	184
CORPO DUPLO	184
CORPO MÚLTIPLO	184
A COSTELETA	185
<b>O MOSCARDA DE PIRANDELLO</b>	188
OLHAR PARA ONDE?	188
MOSCARDA E A SUA CONFUSÃO	189
CONSTRUÇÃO	190
UM, NINGUÉM E CEM MIL	193
<b>O SENTIDO DE HENRI MICHAUX</b>	194
SOBRE UM BURACO	194
CONSTRUÇÃO COM INÍCIO ESTRANHO	195
<b>A CONSTANTE DE ROBERT MUSIL</b>	197
ESTACA	197
ESTACA IMPREVISÍVEL	198
PERDÃO	198
FICÇÃO	199
<b>OS QUATRO CORPOS DE PAUL VALÉRY</b>	201
IDEIAS, ACTOS	201
A TEORIA DOS QUATRO CORPOS	201
COMER, CRIAR	202
<b>A TEORIA DO PASSO DE BALZAC</b>	203
MOVIMENTO	203
PROJECTO DE BALZAC	204
ANOTAÇÕES SOBRE O PASSO	205
DUAS ANATOMIAS	206
IMOBILIDADE E MORALIDADE	207
OUTRAS CONSIDERAÇÕES DA TEORIA DO PASSO	208
MÚSCULO INDIVIDUAL E MÚSCULO SOCIAL	210
<b>O PESO DE VERGÍLIO FERREIRA</b>	212
O PESO (DENTRO/FORA)	212
“ODE AO MEU CORPO” – O NOJO DA FISILOGIA	213
ESPAÇO QUE OBEDECE AO CORPO	214
ALTERNATIVAS E DESCONHECIMENTO	215
BELO/FEIO	216
<b>A LAMA DE DELEUZE</b>	217
A VERGONHA	218
LEVANTAR A MÃO	219
<b>A DOAÇÃO DE WITTGENSTEIN</b>	220
MÃO DIREITA/MÃO ESQUERDA	220
QUANTOS CORPOS?	221
ATENÇÃO VIRADA PARA DENTRO	223
CRENÇA NO MEU CORPO	224
DESCONFIANÇA NO MEU CORPO	225

	VELOCIDADE E CEGUEIRA	226
	DOR EUCLIDIANA	228
	A DOR DE DENTES <i>DELE</i>	228
	OS NOMES E AS PEDRAS	231
	O MEU BRAÇO AINDA SOU EU	233
	UM É UM; OU SEJA: NÃO É DOIS	235
	TENHO UMA DOR E VEJO: NÃO POSSO TER O TEU NOME	236
<b>3.2</b>	<b>Racionalidade e limites</b>	<b>239</b>
	<b>MOVIMENTO E PENSAMENTO</b>	<b>239</b>
	MOVIMENTO COMO FUGA	239
	IMOBILIDADE: MUSEU	240
	PENSAR – AGIR	241
	A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO	241
	PENSAR EM MOVIMENTO	242
	<b>CONSCIÊNCIA E INSTINTOS</b>	<b>243</b>
	O PENSAMENTO DOS INSTINTOS	243
	INSTINTOS, CIDADE E SOBREVIVÊNCIA	245
	<b>RAZÃO E ORAÇÃO</b>	<b>247</b>
	RESISTÊNCIA	247
	ORAÇÃO	247
	MISTÉRIO E TABUADA	248
	ORAÇÃO E INVESTIGAÇÃO	249
	DIÁLOGO OU MONÓLOGO	249
	A POSSIBILIDADE E A IMPOSSIBILIDADE DE SINTETIZAR	250
	PALAVRAS E CONSEQUÊNCIAS INTERNAS	252
	<b>EMOÇÃO E LINGUAGEM (TEATRO)</b>	<b>254</b>
	O OUTRO POLEGAR, O MAIS IMPORTANTE	254
	PALAVRAS POUCO SONORAS	255
	NEM TUDO O QUE SE PENSA PASSA PARA A PALAVRA	256
	O ATLETISMO AFECTIVO	257
	PAIXÕES E MÚSCULOS	258
	ANATOMIAS AFECTIVAS	258
	<b>DANÇA, PENSAMENTO E LINGUAGEM</b>	<b>260</b>
	MOVIMENTO E EXISTÊNCIA	260
	A DANÇA ENQUANTO ELEMENTO DIONISÍACO	261
	PESO E LEVEZA	263
	MARCHA E DANÇA	263
	ESPONTÂNEO E SURPREENDENTE	265
	A GRAÇA DA DANÇA	266
	A PREPARAÇÃO DA DANÇA	267
	DANÇA E PENSAMENTO	269
	MOVIMENTO DO PENSAMENTO	270
	CAMBALHOTAS E OUTROS PENSAMENTOS	272

	O MÉTODO DE PINA BAUSCH	273
	ESTRANHEZA – UM COPO DE VINHO PEDIDO NA VERTICAL	274
	PROVOCAÇÃO	275
	<b>JOGO E FICÇÃO</b>	277
	MAS NEM TUDO É PERFEITO (JOGO)	277
	DESPERDÍCIO DO MORTAL	278
	PENSAMENTOS VERDADEIROS E PENSAMENTOS FALSOS	280
	PENSAMENTO E VESTUÁRIO	281
	OS MONGES	283
	DESAMARRADOS DE TUDO	284
	FICÇÃO E DOENÇA	285
	INTERIOR/EXTERIOR	287
	UM OUTRO EXEMPLO	289
<b>3.3</b>	<b>Saúde e doença</b>	291
	<b>SAÚDE, ESTADO E INDIVÍDUO</b>	291
	SAÚDE, DOENÇA, FILOSOFIA	291
	SAÚDE E “QUALIDADE DO ESPECTÁCULO”	293
	SAÚDE E CUIDADOS DE SI	294
	SAÚDE E PRAZER	296
	SAÚDE PÚBLICA E SAÚDE INDIVIDUAL	298
	INDIVÍDUO E GOVERNO	300
	SALIVA E ALIMENTAÇÃO PÚBLICA	301
	<b>SAÚDE, MEDICINA E IMAGINÁRIO</b>	303
	O ESTRANHO MÉDICO DE LA SERNA	303
	ESTRANHAS CAUSAS DE DOENÇAS E ESTRANHAS CURAS	304
	O CASO DA BARBA	306
	O CASO DO MICRÓBIO, O CASO DA ESTRANHA ANÁLISE	307
	ANÁLISE FISIOLÓGICA – E O RESTO	308
	OSSOS E FELICIDADE	310
	OSSOS E LEIS	312
	MULTIDÃO, INDIVÍDUO E DOENÇA	314
	UMA PROPOSTA DOS KABAKOV (ASAS DE ANJO)	315
	OUTRA PROPOSTA DOS KABAKOV	317
	MEDICINA HUMANA E NÃO HUMANA – IMAGINAÇÃO E FISIOLOGIA	318
	A SAÚDE SEGUNDO DELEUZE	319
	LINGUAGEM E DOENÇA (ALIMENTAÇÃO E PALAVRAS)	321
	ARTAUD E A DOENÇA	323
	SAÚDE, LINGUAGEM, IMAGINAÇÃO	324
<b>3.4</b>	<b>Corpo e dor</b>	325
	<b>DOR E MUNDO</b>	325
	CORPO, PROPRIEDADE E MUNDO	325
	CORPO COMO BEM ÚLTIMO	326

PROPRIEDADE DOS PRAZERES E DAS DORES	327
DOR, DOENÇA E CIDADE	330
DOR, PRAZER, MUNDO	331
SENTIDOS DO CORPO E DA DOR (VISÃO, TACTO, ETC.)	333
POLEGAR Oponível - EXTERIOR E INTERIOR	335
TOCAR, SER TOCADO	336
DOR, PENSAMENTO	337
PATOLOGIA INTELLECTUAL	338
<b>CORPO, DOR, SENSações</b>	340
A ATENÇÃO	340
DESCREVER SENSações	341
SENSações E GRITOS	343
MOVIMENTO E DOR	344
ACTOS INTERIORES	345
SENSações, INTENSIDADE E LOCALIZAÇÃO	347
DOR E OUTRAS SENSações	348
QUAL O MATERIAL?	349
ROSTO E DOR	350
DOR INCONSCIENTE	352
DOR, INCONSCIENTE E LINGUAGEM	353

## **IV. O corpo na imaginação 355**

---

<b>4.1</b>	<b>Imaginação e linguagem - Bachelard e outros desenvolvimentos</b>	<b>357</b>
	<b>O OLHAR - RECEPÇÃO/EMISSION</b>	<b>357</b>
	A ANGÚSTIA DE NÃO VER (PERDER A TERRA)	357
	ORGANISMO E RECEPÇÃO	358
	ROSTO EMISSOR	359
	OLHAR E DECOMPOSIÇÃO	360
	A VENDA NOS OLHOS	361
	OLHAR E POSSE DO OLHADO	362
	OLHAR ACTIVO (EMISSION)	362
	A IDADE DO OLHAR	363
	EXCESSO DE IMAGENS, ECRÃ	364
	OS CAVALOS BEBEM ÁGUA	365
	<b>IMAGINAÇÃO E CONSEQUÊNCIAS</b>	<b>367</b>
	UMA VEZ, VÁRIAS VEZES	367
	DOIS MODOS DE PEGAR NUMA LUPA	368
	DIURNO, NOCTURNO	369
	MEMÓRIA/IMAGINAÇÃO	370
	O CEPTICISMO É UMA MEDIDA	371
	DECISÕES, VELOCIDADE	372

A VIGILÂNCIA DO LOUCO	373
UM OU NADA	375
PORMENORES E MINIATURAS	376
DOIS OU TRÊS ERROS	377
EXAGERO E ESTATÍSTICA	379
MESCALINA E OBJECTOS	379
“EU NÃO ME OCUPO DOS OUTROS”	381
IMAGINAÇÃO E FIM DA HISTÓRIA	384
CADA CONCEITO É LUTA	384
E/OU	386
TRAIÇÃO E MALDADE	386
LEVEMENTE PESADO	387
FIM DA HISTÓRIA E FELICIDADE	388
O ZERO E O UM	390
A MONOTONIA E AS PLANTAS	391
METÁFORAS E CONFIANÇA NO MUNDO	392
DESCONFIAR DO MUNDO	394
A EXACTA IMAGINAÇÃO	395
MOVIMENTO E NÚMERO	396
REALIDADES	398
ESPAÇO E IMAGINAÇÃO	399
POESIA E PASSADO	401
ESCADA ESTRANHA (DE TÃO FAMILIAR)	401
INTERPRETAÇÃO EGOÍSTA	403
MORTE	404
FUTILIDADE E CONSCIÊNCIA DA MORTE:	406
UM CONTO DE LISPECTOR	
INSTINTO DE SOBREVIVÊNCIA	407
CUIDADO COM ESSE SOFÁ	409
<b>MÃO, MATÉRIA E OBJECTOS</b>	410
O CORPO QUE FAZ CASA	410
OBJECTOS E FUNÇÕES	412
MATÉRIA E FORMA	414
MÃO E PENSAMENTO	415
MÃO E FILOSOFIA	418
AGIR, FUNCIONAR	420
INDIVÍDUO/ESPÉCIE	421
AS MÃOS, AS COSTAS E A BARRIGA	423
TRAJECTOS DA MÃO	424
CARÍCIA E BRUTALIDADE	426
O FOGO	427
RESISTÊNCIA	429
QUE ELEMENTO QUERES VENCER?	430
FILOSOFIA E EXCITAÇÃO	431

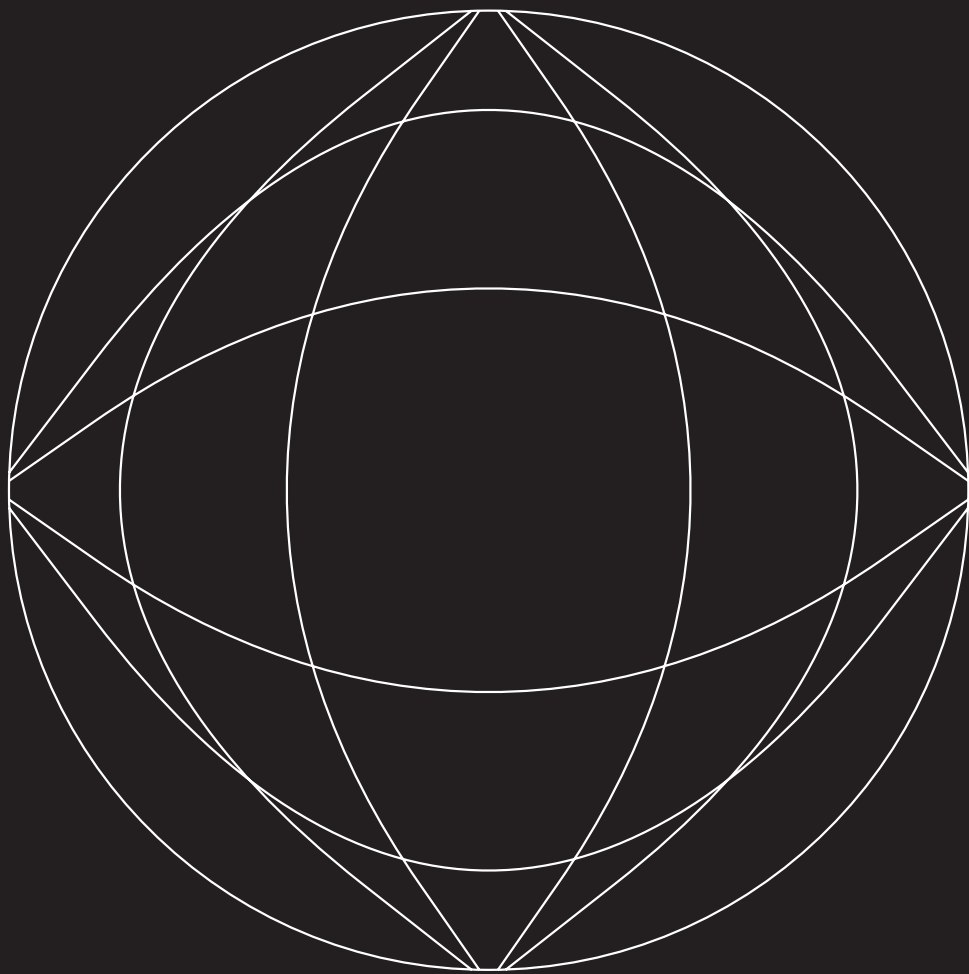
	FERRAMENTA E METÁFORAS	432
	INFORMAÇÃO	434
	MÃO E PALAVRA	435
	<b>MEDICINA, ALIMENTAÇÃO E LINGUAGEM</b>	437
	SUBSTANTIVO E ESTÔMAGO	437
	MEDICINA E LITERATURA	438
	MEDICINA E IGNORÂNCIA ORGÂNICA	439
	SOLIDÃO	441
	LEITURA E SILÊNCIO E OS MÚSCULOS DA LARINGE	442
	LEITURA EM SILÊNCIO E MOVIMENTOS	442
	LEITURA E CRIAÇÃO	444
	PRAZER DE TEXTO – PRAZER DE CORPO	446
	PESOS E IMAGENS	447
	VER E OUVIR LETRAS	448
	RESPIRAÇÃO E ÉTICA	449
	RESPIRAÇÃO, LINGUAGEM E APRENDIZAGEM	450
	PULMÕES E POESIA	452
	RESPIRAÇÃO/POESIA	453
	BOCA E TERRITÓRIO VERBAL	455
	BOCA: COMER E BEBER	456
	COMER PARA RESOLVER A QUESTÃO DA PROPRIEDADE	457
	ALIMENTAÇÃO E ESPÍRITO	458
	ALIMENTAÇÃO E LINGUAGEM	459
<b>4.2</b>	<b>Movimento e intenção</b>	461
	<b>MOVIMENTO E INTENÇÃO</b>	461
	FAZER OU SER FEITO?	461
	CONSTRUIR, VIVER	462
	O QUE DIZ O MOVIMENTO?	463
	TEXTOS-MÃO, TEXTOS-BRAÇO	465
	MOVIMENTOS VOLUNTÁRIOS E INVOLUNTÁRIOS E SUA INTERPRETAÇÃO	466
	QUERER O QUERER	469
	FAZER O QUE SE OUVI – O CASO DAS ORDENS	470
<b>4.3</b>	<b>Imaginação e pensamento - Wittgenstein e outros desenvolvimentos</b>	473
	<b>PENSAMENTO, MATÉRIA E LINGUAGEM</b>	473
	AGIR E CONHECER	473
	PENSAMENTO E CÉREBRO	474
	GRAMÁTICA PROFUNDA (ESCULPIR POR DENTRO)	476
	PENSAMENTO E FIOLOGIA	476
	RIGOROSA LOCALIZAÇÃO DOS PENSAMENTOS	479
	PENSAMENTO E LINGUAGEM (DE NOVO)	480

ONDE SE PENSA?	481
NÃO HÁ PROBLEMAS FORA DA LINGUAGEM	481
COMPREENDER	483
LINGUAGEM E MOVIMENTO	484
LINGUAGEM: LETRA E PENSAMENTO	484
LOCALIZAÇÃO MATERIAL DO IMATERIAL	485
<b>IMAGINAÇÃO E PENSAMENTO</b>	<b>487</b>
IMAGINAÇÃO E IGNORÂNCIA	487
VER E PENSAR	487
TIPOS DE VISÃO E IMAGINAÇÃO	488
ESCUTAR, VER, CRIAR	489
VER E IMAGINAR	491
EXPERIÊNCIA EXTERIOR E INTERIOR	494
A POSSE DO IMAGINADO	496
OBJECTO DA IMAGINAÇÃO	498
O CONCEITO DE ABSURDIDADE	499
UM OUTRO TIPO DE CEGUEIRA	500





I



O CORPO  
NO MÉTODO

## I.I

# Espanto e fragmento

### A INTERROGAÇÃO, O QUESTIONAR

Começar aqui é interromper uma tarefa noutro lado, claro.

A propósito de Heidegger, Steiner escreve: “Precisamos de dar mais assistência ao pensamento.”<sup>1</sup> Esta assistência, esta atenção cuidadosa pode ser interpretada como a atenção que se tem em relação a um ferido e, sendo assim, é quase comovente: não tires os olhos do pensamento; ele precisa de ti. Eis o que cada um de nós poderia dizer. E neste pensamento há uma marca que permite o avanço; a “fonte do pensamento genuíno é o espanto, espanto por, e perante o ser. O seu desenvolvimento é essa cuidada tradução do espanto em acção que é o questionar”<sup>2</sup>, escreve Steiner. Questionar “é a tradução do espanto em acção”. Não basta, pois, o espanto imóvel, o espanto contemplativo, precisamos de um *espanto agressivo*, que ameace, que questione. Um espanto que sabe para onde vai. Como diz uma das personagens de Musil: é “tão simples ter força para agir e tão difícil encontrar um sentido para a acção!”<sup>3</sup> Para Heidegger, segundo a interpretação de Steiner, as “téc-



Se o que merece ser visto está escondido não precisas de olhos. É isso?

1 Steiner, George – *Heidegger*, 1990, p. 53, Dom Quixote.

2 Idem, p. 54.

3 Muitas das vezes, escreve ainda Musil, no mesmo excerto, o Homem encontra um sentido único e fecha-se nele: “o Homem não faz mais do que repetir, durante toda a sua vida, um só acto: ingressa numa profissão e progride nela”. (Musil, Robert, *O Homem sem Qualidades*, 3º Tomo, p. 90, Livros do Brasil)

nicas metafísicas de argumentação e sistematização impedem-nos [...] de exprimir os nossos pensamentos no registo vital da interrogação”<sup>4</sup>. Mas a interrogação é essencial. Impor afirmações que põem questões.

No fundo, uma gaiola com olhos dentro. São objectivas de máquinas que ali balançam. São transportadas de um lado para o outro como animais domésticos. Cada objectiva já viu muito. Também se trata disto: de guardar, armazenar, memorizar o que muitos olhos mecânicos viram.



## HESITAÇÃO E INVESTIGAÇÃO

Steiner, ainda no estudo que faz sobre Heidegger, aborda a sua “contra-lógica”, definida como “o projecto singular de substituir o discurso agressivo, inquisitorial da investigação aristotélica, baconiana e positivista por uma dialéctica hesitante, mesmo circular, não obstante dinâmica”<sup>5</sup>.

Este termo, *hesitante*, parece-nos fundamental. Um *avanço hesitante*: eis um método; avançar, não em linha recta mas numa espécie de *linha exaltada*, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida; avanço que não tem já um trajecto definido, mas sim

4 Steiner, George – *Heidegger*, 1990, p. 54, Dom Quixote.

5 *Idem*, p. 54.

um trajecto pressentido, trajecto que constantemente é posto em causa; quem avança hesita porque não quer saber o sítio para onde vai – se o soubesse já, para que caminharia ele? Que pode ainda descobrir quem conhece já o destino? Hesitar é um efeito da acção de descobrir; só não hesita quem já descobriu, quem já colocou um ponto final no seu processo de investigação. “As minhas dúvidas formam um sistema”<sup>6</sup>, escreveu Wittgenstein.

## SEM-RESPOSTA

Mas voltemos ao questionar. Para Heidegger, como esclarece Steiner, no pensamento que questiona “não há nem um forçar nem uma investida programática da inquirição para obter uma resposta”; questionar, pelo contrário, “é entrar em concordância harmónica com o que está a ser questionado.” Não há aqui pois uma relação de forças, não é o forte que questiona o fraco. “A ‘resposta’ suscitada pelo questionar autêntico é uma correspondência”<sup>7</sup>. Esta correspondência envolve uma luta – eventualmente amigável mas nunca resolvida. Escreve Steiner: “Não há, na verdade, muito a ganhar por perguntar mais uma vez qual a quilometragem até à lua ou qual é a fórmula para fazer ácido clorídrico. Nós sabemos as respostas” e saber já as respostas demonstra, “segundo Heidegger”, a “não essencialidade” ou a “pouca-importância” da questão. “O que é ‘digno de questionamento’, por seu lado, é literalmente inesgotável.” O que nunca termina de ser respondido é o essencial. “Não há respostas terminais, resolubilidades últimas e formais para a questão do sentido da existência humana ou do significado de uma sonata de Mozart ou do conflito entre consciência individual e condicionamentos sociais.”

Steiner explicita então esta ideia fundamental de Heidegger: “A errância, a peregrinação em direcção ao que é digno de ser questionado, não é aventura e sim voltar-a-casa.”<sup>8</sup>

Errar, ou seja, circular de modo hesitante, só é útil



Os coleccionadores são homens sempre curvados. Não há outra forma de coleccionar. Tudo começa nas costas, na forma como o próprio corpo esconde aquilo que quer que ninguém roube.



6 Wittgenstein, Ludwig – *Da Certeza*, 1998, p. 49, Edições 70.

7 Steiner, George – *Heidegger*, 1990, p. 54, Dom Quixote.

8 Idem, p. 54.

e profundamente humano quando é feito em redor do que não tem resposta, do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta. Clarifica Steiner: “O homem, na sua dignidade, regressa a casa para o sem-resposta.”

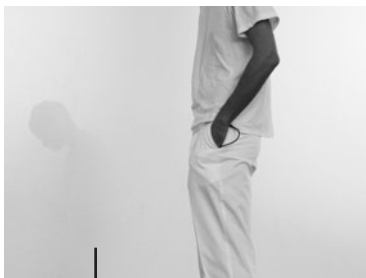
Eis o que interessa: rodear o que não tem fórmula, o que não tem incógnitas concentradas num sítio, disponíveis para uma qualquer resolução objectiva e inequívoca. Pelo contrário, rodeia-se, sim, o informe, o oposto da fórmula. Fórmula como a quantificação de uma forma; o informe, pelo contrário, como o que não tem forma, o que não tem qualidades, características, muito menos medidas; o informe é o que se ri e troça da fórmula; é o inimigo da fórmula, que não pode ser agarrado: como combater o que não tem forma?

Em suma, só é digno de ser questionado, só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula, o que ainda não tem solução; e mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método<sup>9</sup>.

## GAVETAS, CONCEITOS

Mais de metade da energia humana, neste caso, energia intelectual, energia do pensamento, é atirada para uma acção: a de organizar. Organizar é arrumar o que existe, é limpar os obstáculos à utilização do que já existe: é *tornar eficaz a utilização do passado*; de certa maneira é *direccionar o que já se pensou*, o que já se fez, o que já se falou; e direccionar significa dizer com as acções: isto vai para aqui, aquilo vai para ali.

Bachelard fala da ideia de gaveta: “Como se sabe, a metáfora da *gaveta*, a exemplo de algumas outras, como a da ‘roupa de confecção’, é utilizada por Bergson para exprimir a insuficiência de uma filosofia do conceito. Os conceitos são *gavetas* que servem para classificar os conhecimentos; os conceitos são roupas de confecção que desindividualizam conhecimentos vividos.”<sup>10</sup>



9 A ironia de Valéry (nos seus textos sobre estética): “Introduzamos aqui uma pequena observação que chamarei ‘filosófica’, o que simplesmente quer dizer que poderíamos passar sem ela.” (Valéry, Paul – *Teoria Poética y Estética*, 1998, p. 94, Visor)

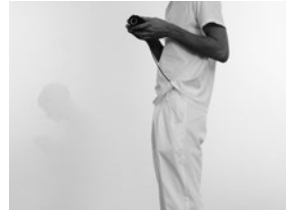
10 Bachelard, Gaston – *A Poética do Espaço*, 1996, p. 88, Martins Fontes.

Os conceitos são *organizações verbais*, arrumações verbais; os conceitos são palavras que arrumam outras palavras, palavras arrumadoras; necessárias num determinado período, mas que podem a seguir tornar-se, e até rapidamente, obstáculos. Bachelard vai ao limite e escreve: “Para cada conceito há uma gaveta no móvel das categorias. O conceito é um pensamento morto, já que é, por definição, pensamento classificado.”<sup>11</sup>

Mas esta classificação é negativa apenas se for autoritária, se marcar o fim da linha. Todo o conceito que termina com a investigação conceptual, neste caso, é um conceito prejudicial. Todo o conceito que, pelo contrário, possibilita discordância, rejeição – isto é, que admite diálogo e que não impõe o fim da conversa, este tipo de conceito então, pelo contrário, é benéfico; mais: é indispensável<sup>12</sup>. Pensamos, de facto, por conceitos<sup>13</sup>, mas as gavetas com comunicação múltipla entre si, com buracos, com declives, com passagens óbvias e outras mais secretas são divertidas; gavetas que segurem não materiais sólidos mas líquidos, materiais cuja essência seja o movimento, materiais que não estão num sítio: *circulam entre sítios*.

Não se trata pois de solidificar conceitos<sup>14</sup>; pelo contrário: torná-los flexíveis; são coisas que utilizamos, são meios, não são aquilo a que pretendemos chegar. Pretende-se *encontrar e multiplicar conceitos*, formas da linguagem – “falar fora das fórmulas”<sup>15</sup>, como pedia Zambrano, ou falar “como quem se decide e se lava”, como descreveu Llansol<sup>16</sup>. A mesma autora que faz alguém exclamar, como um dono autoritário:

“– Aqui, Texto! Sentado!”<sup>17</sup> Mas o Texto talvez não seja um animal tão doméstico como parece.



Um olho que se  
leva no bolso.  
Em vez de relógio de  
bolso. Olho-de-bolso.  
Uma máquina para  
recordar o que se vê.

11 Idem, p. 88.

12 Escreve Wittgenstein nas suas *Fichas*. “Na ciência, é normal fazer dos fenómenos que permitem uma medição exacta critérios definidos de uma expressão; e depois tende-se a pensar que o significado verdadeiro foi *encontrado*. Inúmeras confusões surgiram deste modo.” (Wittgenstein, Ludwig – *Fichas (Zettel)*), 1998, p. 103, Edições 70)

13 “Os conceitos levam-nos a fazer investigações”, escreve Wittgenstein. Eles são “a expressão do nosso interesse e guiam o nosso interesse”. (Wittgenstein, Ludwig – *Tratado Lógico-filosófico/ Investigações Filosóficas*, 1995, p. 458, Fundação Calouste Gulbenkian)

14 “Imaginemos um povo de daltónicos, o que pode bem acontecer. Não teriam os mesmos conceitos de cor que nós.” (Wittgenstein, Ludwig – *Anotações sobre as Cores*, 1996, p. 17, Edições 70)

15 Zambrano, María – *O Homem e o Divino*, 1995, p. 192, Relógio d'Água.

16 Llansol, Maria Gabriela – *Onde Vais Drama-Poesia?*, 2000, p. 90, Relógio d'Água.

17 Llansol, Maria Gabriela – *Ardente Texto Joshua*, 1998, p. 59, Relógio d'Água.